

Seja homem para peitar a nossa cultura alcoólica!

Adaptado do texto de Guilherme Nascimento Valadares, intitulado "Precisamos conversar sobre o estudante que morreu após beber 30 doses de vodca", publicado no blog www.papodehomem.com.br

Há alguns anos estava de férias com amigos numa praia fazendo churrasco na casa que alugamos. Começamos na hora do almoço. Próximo da meia-noite um dos caras que mais bebeu arrota e diz "não aguento mais cerveja", logo emendando com "é, vou pegar mais uma".

Todos em volta riem. Um diz, em tom alegre, que nunca viu alguém beber tanto quanto ele. A namorada concorda um tanto indignada, mas prossegue narrando feitos de resistência ética do namorado.

Ele escuta em silêncio, com expressão de contentamento, enquanto saboreia mais um gole.

Entre homens surge esse orgulho bastante específico ao se tornar capaz de ingerir quantidades obscenas de álcool.

A formação alcoólica é, ainda que se negue, um dos tijolos da identidade masculina.

Não sabemos quais os maiores medos de nossos amigos, mas com absoluta certeza sabemos quem é o mais resistente da turma, quem mais vomita, quem chora, quem fica agressivo, quem pega todas, quem mente, quem conta piadas ruins e quem brocha quando bebe.

Essa obsessão começa cedo.

Em uma cultura na qual vivemos domesticados em cadeiras de escola, cubículos da empresa, salas de cinema, salas de teatro, cadeiras de restaurantes, assentos de avião, pacotes turísticos e sofás, o álcool parece ser o elixir da felicidade.

O primeiro gole é um momento quase ritual entre adolescentes. Talvez venha do próprio pai, que vai dar risada da careta do filho inexperiente. O filho não precisa receber instruções, ele apenas observa que beber é coisa importante para os adultos. Faz-se para relaxar ao final de um dia cansativo, para contar piadas no almoço de domingo com a família, em festas quando se quer paquerar.

Ficar desinibido, mais agressivo, eufórico e reativo parece ser um colateral positivo, uma expressão de virilidade.

O recado vem claro: beber é bom. É coisa de homem.

Os primeiros porres quase sempre chegam antes dos dezoito.

As namoradas reclamam dos namorados beberrões, mas muitas vezes rejeitam e fazem piadas com os que não bebem, chamados de "frescos".

Escutar que você "bebe como uma moça" é ofensa grave.

"Não aguenta, bebe leite!" é a provocação que todo homem escuta centenas de vezes ao longo de sua vida. Afinal, "bebe-se pra ficar ruim, se fosse pra ficar bom tomava remédio".

Batemos palma e repetimos as histórias de porres, nossas e dos amigos, incontáveis vezes.

Ser um homem adulto e não beber soa quase impossível. Ser um homem adulto e não beber até seu limite é coisa de "fraco".

Essa realidade silenciosa aceita por todos contrasta com as mais de 50 mil mortes anuais relacionadas a acidentes de carro com álcool.

Sabe onde morria gente na mesma velocidade? Na Guerra do Vietnam. Mas chuto que ler isso não vai mudar uma gota do quanto você vai beber na próxima ida a uma festa.

Francamente, beba o quanto quiser.

Não creio que o ponto é condenarmos o ato.

O ponto é tornarmos nossa relação com a bebida mais lúcida e menos autodestrutiva.

É parar de glorificar a bebedeira sem limites. É sair de táxi quando for beber. É não fazer piada com os amigos que bebem pouco ou nada. É conversar abertamente sobre o quão dependentes nos tornamos de latinhas e copos com gelo num sábado à noite.

Eu demorei quase quinze anos para me permitir comprar garrafas d'água entre drinks e cervejas em festas. Por medo de ser percebido, e me perceber, como menos homem.

Óbvio que não racionalizava isso, apenas pensava "ah, não preciso de água, aguento um pouco mais de boa". Na real eu nem pensava, só seguia o

hábito de beber como sempre bebi. Era parte de minha formação alcoólica. E talvez faça parte da sua também.

Não pare de beber, apenas tenha a coragem de transformar sua relação com a bebida.

Não ter medo de comprar uma garrafa d'água entre seus amigos na festa do final de semana é ativismo corajoso. Oferecer água para os mais bêbados, e insistir para que eles bebam, pois muitos vão negar por orgulho, também.

Ir de táxi, superando o papo furado de que precisa economizar grana ou qualquer outra desculpa, também.

Não incentivar o amigo do lado a tomar mais uma quando ele estiver além da conta é um gesto nobre.

Elogiar os amigos e amigas que bebem e se divertem sem ter a bebida como muleta é maravilhoso.

Conversar com o amigo sobre como anda a relação dele com a bebida, expondo seus medos, dúvidas, hábitos e obstáculos, é quase tão mágico como encontrar um pote de ouro ao final do arco íris.

Não fazer piadas com quem quiser beber pouco (ou nada) é uma guerrilha silenciosa em favor de uma cultura mais lúcida de relação com o álcool. Em especial, evite as piadas que associem isso a ser fresco, gay, mocinha. Elas reforçam uma ideia de masculinidade limitada.

A quem vier com papo de que você agora está todo politicamente correto, diga que não, que contrariar toda uma cultura que estimula homens a beberem como animais, em um país com 5.8 milhões de alcoólatras, no qual pessoas se matam bêbadas no trânsito todos os dias, sem falar nas brigas, estupros, abusos e violências em lares, festas, bares, becos e estádios não é nem um pouco politicamente correto. Na bem da verdade, fazer isso é bastante subversivo.

No seu próximo encontro com a bebida, seja homem o suficiente pra peitar essa luta.